

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IN MEMORIAM WILLIAM HURT
19 de Maio de 2022**

**EYEWITNESS / 1981
(Os Olhos da Testemunha)**

Um filme de Peter Yates

Realização: Peter Yates / Argumento: Steve Tesich / Direcção de Fotografia: Matthew F. Leonetti / Design de Produção: Philip Rosenberg / Direcção Artística: John Kasarda / Música: Stanley Silverman / Som (montagem): Lowell Mate / Montagem: Cynthia Scheider / Interpretação: William Hurt (Darryl Deever), Sigourney Weaver (Tony Sokolow), Christopher Plummer (Joseph), James Woods (Aldo Mercer), Irene Worth (Mrs Sokolow), Kenneth McMillan (Mr. Deever), Pamela Reed (Linda Mercer), Albert Paulsen (Mr. Sokolow), Steven Hill (tenente Jacobs), Morgan Freeman (Tenente Black), Alice Drummond (Mrs Eunice Deever), Sharon Goldman (mulher israelita), Chao Li Chi (Mr Long), etc.

Produção: 20th Century-Fox / Produtor: Peter Yates / Cópia em 35mm, colorida, falada em inglês com legendas em português / Duração: 103 minutos / Estreia em Portugal: Império, a 14 de Janeiro de 1982.

Peter Yates (1929-2011) foi um daqueles artesãos que cruzou o cinema americano durante várias décadas (dos anos 60 aos 90) sem escapar, na maior parte das vezes, a um anonimato apenas mitigado por umas quantas nomeações para os Óscares. Nunca genial, raramente muito mau, Yates representou e interpretou aquela solidez industrial que tanto escasseia na Hollywood pós-clássica e, por maioria de razão, nos dias de hoje. O seu filme mais célebre é, evidentemente, **Bullitt** (de 1968), com Steve McQueen e uma histórica perseguição de automóveis. De entre outros títulos da sua obra dignos de nota referiríamos ainda um par de filmes de finais dos anos 80 (**Suspect**, com Cher e Dennis Quaid, e **The House on Carroll Street**, com Kelly McGillis), de que a memória conservou, justamente, uma impressão de “solidez”.

Esses, e este **Eyewitness**. Se fosse hoje, e só à conta do elenco, talvez fosse um filme muito mais caro do que foi em 1981. William Hurt, Sigourney Weaver, James Woods, Morgan Freeman... Depois tornaram-se estrelas de primeira grandeza, em 1981 eram ainda “jovens actores” a treparem os degraus da popularidade e do respectivo proveito. E a eles há que acrescentar Christopher Plummer, Kenneth McMillan, Steven Hill, para se ter uma ideia da grandeza do elenco, e de caminho para se perceber o que podia ser um filme médio da produção corrente de Hollywood em 1981. Independentemente dos seus méritos, que são alguns, há alguma coisa em **Eyewitness** que nos faz pensar nele como num “filme antigo”, mais próximo do registo clássico do que dos “filmes médios”

que Hollywood produz actualmente. E de facto, quando se pensa nisso, 1981 foi há 41 anos, **Eyewitness** estão tão próximo ou tão distante do nosso ano como de 1940...

E que méritos são esses, que sinais mostra **Eyewitness** de ainda transportar alguma coisa de um “código de factura” hoje praticamente extinto? Uma seriedade “adulta” e nocturna, um despojamento de efeitos, um pragmatismo que lá por se traduzir em questões de economia narrativa não deixa de abrir portas mais obscuras, narrativamente mais acessórias, mas fundamentais para a consistência do conjunto de personagens e para o enriquecimento de cada uma delas – aqueles momentos “a solo” a que praticamente todos os secundários têm direito: as conversas no carro entre a dupla de polícias (Morgan Freeman e Steven Hill) a falarem dos filhos que têm, tiveram ou não conseguem ter, o breve monólogo de Kenneth McMillan a queixar-se ao filho (William Hurt) do estado do seu matrimónio. Não há nenhum “boneco” em **Eyewitness** (nem mesmo os vilões), antes uma preocupação em ter personagens credíveis mas sem as sobrecarregar (de psicologia, por exemplo).

E depois esta ideia, central à narrativa, de pôr um corriqueiro (vá lá, um pouco improvável, mas enfim) jogo amoroso como peça fundamental de uma intriga de “thriller” conspirativo. O que põe Hurt e Sigourney Weaver em perigo é o papel que cada um representa perante o outro. Para ganhar a atenção da jornalista Weaver, Hurt finge saber mais sobre o crime do que o que de facto sabe (que é praticamente nada); e para tirar nabos da púcara a Hurt finge ela prestar-lhe mais atenção do que (pelo menos até certa altura) presta. Para quem vê de fora, a suspeita de que eles os dois saibam de facto mais do que o que seria desejável torna-se evidente. Digamos que não é um princípio narrativo totalmente anti-hitchcockiano...

Uma menção ainda para os contornos em que a narrativa se desenvolve, com a participação das chamadas “minorias étnicas”. Os orientais, por um lado, e a rede judaica que clandestinamente organiza fugas de cidadãos da URSS para Israel. Evidentemente: é bastante ambíguo o olhar (e as conotações do olhar) sobre estas duas redes, sobre estas duas subculturas. Mas não tão diferente assim, no retrato de um território identitário tão marginal quanto vincado, daquilo que Michael Cimino viria a fazer anos mais tarde no **Year of the Dragon**, por exemplo.

Finalmente, Morgan Freeman. Tem uma “line” genial: “Sou o tenente Black (Preto). Deve ser bastante fácil lembrar-se”.

Luís Miguel Oliveira